

Confluências e divergências na representação do sertão e do sertanejo em Juvenal Galeno e Patativa do Assaré

Isabel Cristina Santos de Oliveira Rodrigues (FCL/UNESP-Assis) ¹

Com base nos princípios da Literatura Comparada nos propusemos cotejar os poemas do poeta cearense Juvenal Galeno, reunidos na coletânea *Lendas e canções populares*, de 1865, com os textos poéticos de Patativa do Assaré, publicados na coletânea *Inspiração nordestina*, de 1956, com vistas ao estabelecimento de confluências e divergências na representação do mundo social sertanejo.

Levando em consideração as transformações sociais ocorridas no âmbito da sociedade cearense de fins do século XIX e início do XX, podemos dizer que, naquele cenário específico, a produção poética de Galeno adquire forte matiz social, “sobretudo no que diz respeito à crítica ao pensamento provinciano das elites locais, à ideologia do progresso e ao descaso das autoridades públicas (que tomam as rédeas desse progresso). (AGUIAR, 2011). Assim, como esse tom de crítica social, Galeno deu voz ao escravo,

Vou cantar a minha vida,
Nos ferros da escravidão ...
Calai-vos, celestes auras,
Rugi com força, oh, tufão!
Que é filha do desespero
A minha rude canção,
Como a dor que m'apunhala,
Nos ferros da escravidão! (GALENO, 2010a, p.104),

e reivindicou o exercício da plena cidadania através do direito ao voto livre:

- “Viva a pátria! A liberdade!
Viva o livre cidadão!
- Ai, Rosa, não me supliques,
Que não vá para a eleição...
Pois não vês ovante o crime?
Pois não sentes a opressão?...”
[...]
“Não vês o povo curvado,
Sob o tributo a gemer?
Sem direitos... perseguido
No seu humilde viver?

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da FCL/UNESP-Assis. Financiamento Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - Fapesp, processo n. 2022/02625-7.

Dizem que o voto hoje é livre...
Que pode o voto vencer!” (GALENO, 2010a, p.138).

Podemos dizer que boa parte da poesia de Galeno, colhida à boca do povo e reelaborada com certa dose de lirismo romântico, focaliza o cotidiano de homens que, como o jangadeiro, que, às voltas com o temperamento das ondas – metáfora de todo o viver do pescador –, é obrigado a pescar para sobreviver, mesmo velho e no fim da vida:

Velho... fraco... quase cego...
Meus dias passo no mar,
Sobre a minha jangadinha
À noite volto ao meu lar,
Às vezes rindo contente,
Muitas vezes a chorar!

Sorrindo se fui ditoso...
Chorando se não pesquei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi! (GALENO, 2010a, p.84);

Assim também com o sertanejo pobre, sempre às voltas com a indiferença das elites do século XIX e às arribadas impulsionadas pelas secas periódicas, como no poema O Emigrante,

Vou deixar a minha terra,
Vou para os matos d’além...
Que aqui não acho serviço
Para ganhar meu vintém!
Vou soluçando saudoso
Do Ceará, do meu bem!

Mas, que fazer? Se os filhinhos
Precisam roupas... estão nus...
Se a mulher pede um vestido...
Se vejo a fome, ó Jesus?...
Se aqui não acho remédio... (GALENO, 2010a, p.529);

Neste poema, Galeno redesenha a cena humana, natural e social cearense entre o lirismo e a tragédia, fazendo-o por um viés romântico sem, contudo, furtar-se à crítica política e social, marca indelével de praticamente toda a sua produção poética.

Analisando algumas estrofes do poema Jangada, reelaborado a partir de algumas quadras populares, Sânzio de Azevedo (1981) observa que às vezes Galeno é extremamente romântico, como na quarta estrofe, em que compara a jangada com uma donzela “resvalando a meditar”,

Sobre as vagas, como a garça,

Gosto de ver-te adejar,
Ou qual donzela no prado
Resvalando a meditar:
Minha jangada de vela,
Que vento queres levar? (GALENO, 2010a, p.137).

ou na sexta, em que ele exclama, maravilhado: “Tu é, oh minha jangada, /A virgem do meu sonhar” (p.137). No poema O Pobre Feliz, o poeta dá voz a um indivíduo conformado à sua situação de pobreza material por acreditar que a felicidade não reside na posse de bens, mas em viver uma vida tranquila ao lado dos seus:

Sou pobre, mas sou ditoso,
De ninguém invejo o fado.
Me falta, sim, o dinheiro.
Mas, de minha Rosa ao lado,
Não me falta amor constante
Sossego, mimoso agrado.
Sou pobre, mas sou ditoso,
Meu Deus!
Ao lado de minha Rosa,
Cercado dos filhos meus! (GALENO, 2010a, p.32).

Galeno era filho de um cafeicultor do Aracati, recebeu instrução formal e frequentou os salões literários, conheceu de perto o universo cultural que escolheu representar, mas ele era um membro da elite local e não havia experienciado, como Patativa, a situação que descreve; sua poesia, apesar de tomada à boca do povo, foi reelaborada e cantada seguindo os clichês comuns à poesia romântica.

Logo no prólogo ao seu *Lendas e canções populares*, Galeno informa as fontes populares que serviram de inspiração às suas recriações poéticas:

Reproduzindo, ampliando e publicando as lendas e canções do povo brasileiro, tive por fim representá-lo tal qual ele é na sua vida íntima e política, ao mesmo tempo doutrinando-o e guiando-o por entre as facções que retalham o Império – pugnando pela liberdade e reabilitação moral da pátria encarada por diversos lados – em tudo servindo-me da toada de suas cantigas, de sua linguagem, imagens e algumas vezes de seus próprios versos. (GALENO, 2010a, p.61).

Na continuação do prólogo, Galeno se coloca como aquele que vai conscientizar o povo, o qual, segundo ele, ignorava seus direitos. Mas Galeno é aquele que observa, ouve, anota e reescreve com uma orientação ideológica precisa: associar as manifestações populares de sua região à ideia de brasilidade, integrando-as à formação da nossa nacionalidade e da nossa literatura, segundo as ideias românticas em voga.

O imaginário que via no sertão e nas manifestações de seu povo o local onde podiam ser encontradas as nossas mais “genuínas raízes” atravessa os românticos e adentra a República. Segundo Isabel C. M. Guillen (2002, p. 110),

No projeto de nação que se gestava com a República, a incorporação desse povo não se dava de maneira fictícia ou ilusória, ou melhor, não se tratava de um efeito de retórica, mas passava pela sua compreensão e definição pelos intelectuais, numa necessidade de fornecer respostas para a realidade sociocultural do país.

Essa realidade sociocultural do sertão, apontada por Guillen, não era plenamente conhecida pelos intelectuais, que precisavam buscá-la e estudá-la, no entanto, o poeta Patativa do Assaré a conhecia plenamente, pois era parte viva e integrante dela.

As composições de Patativa beberam direto das apresentações públicas de poesia de cordel lida nas feiras, praças e alpendres, no entanto, na maioria das vezes buscou ajustar seu metro e sua rima às normas da poesia culta, pois eras leitor declarado de Castro Alves, Camões e tantos outros poetas.

Quando Juvenal Galeno faleceu, em 1931, aos 95 anos de idade, a poesia cabocla de Patativa começava a ganhar visibilidade, e apesar de o poeta de Assaré não ter convivido lado a lado com Galeno, demonstrava ser um grande admirador de seus escritos, tendo inclusive frequentado o Salão Juvenal Galeno, em Fortaleza, depois de ter sido muito bem recepcionado por sua filha, Henriqueta Galeno. Chegou a escrever uma carta-poema a Henriqueta solicitando uma cópia das *Lendas e canções populares*, da qual extraímos estas sextilhas:

Incelentíssima dotôra
Peço perdão à senhora
desta carta lhe enviá
mas leia os verso rastêro
de um cabôco violêro
do sertão do Ceará.

Sou o cantadô Patativa,
que trôxe aquela missiva,
aquele papé escrito
e cantou no seu salão,
com a recomendação
do Zé Carvaio de Brito.

[...]

Mode prová quem sou eu,
Já dixeu o que aconteceu
Com a verdade compreta.
Agora vou lhe contá

Quá é o fim principá
Desta carta de poeta.

[...]

É aquele volume de ôro,
Aquele rico tesôro
Do maió trovadô,
É o livro de um bom poeta,
Que cantou as onda inquéta
E a vida do pescadô. (ASSARÉ, 1967, p. 86).

Quando Patativa começa a compor suas cantigas, já não estávamos mais no Brasil de Galeno. A República tinha sido proclamada e buscava se afirmar, mas, ao que tudo indicava, a situação política e social brasileira tinha se agravado profundamente, como nos lembra o poeta de cordel Leandro Gomes de Barros no poema Um Pau com Formigas, composto por volta de 1912:

Chamam este século das luzes
Eu chamo o século das brigas
A época das ambições
O planeta das intrigas
Muitos cachorros num osso
Um pau com muitas formigas.

Então depois da república
Tudo nos causa terror
Cacete não faz estudo
Mas tem carta de doutor
A cartucheira é a lei
O rifle governador. (BARROS, 1912, p. 1).

À medida que a propagandeada República vai adentrando as primeiras décadas do século XX, vai agravando a situação do brasileiro, e é para um rincão específico desse Brasil republicano – o sertão nordestino – que a poesia de Patativa, atemporal, procura chamar atenção, especialmente quando dirige boa parte de suas composições aos doutores – políticos – da cidade grande, os quais, segundo ele, ignoram as condições de existência do homem do campo.

Seu dotô, só me parece
Que o sinhô não me conhece
Nunca sôbe quem sou eu
Nunca viu minha paioça,
Minha muié, minha roça,
E os fio que Deus me deu.

Se não sabe, escute agora,

Que eu vô contá minha história,
Tenha a bondade de ouvi:
Eu sou da crasse matuta,
Da crasse que não desfruta
Das riqueza do Brasil.

Sou aquele que conhece
As privação que padece
O mais pobre camponês;
Tenho passado na vida
De cinco mês em seguida
Sem comê carne uma vez. (ASSARÉ, 1967, p. 69).

Um pouco à margem do que fizera Galeno, Patativa assume uma postura mais crítica e realista; envereda pelo caminho da conscientização do caboclo, sem procurar associar sua cultura e suas crenças à ideia de nação e nacionalidade, como havia feito Galeno. Patativa se preocupava em chamar a atenção das autoridades para a falta de assistência das comunidades do campo, fala de uma situação que ele mesmo vivencia; ele é poeta e ao mesmo tempo agricultor e quase sempre fala de sua condição em primeira pessoa, fazendo-se porta-voz do sertanejo, como no poema *Ao Leitô*, que serve de abertura ao livro *Inspiração nordestina*, em que faz a seguinte advertência:

Não vá percurá neste livro singelo
Os canto mais belo das lira vaidosa,
Nem brio de estrela, nem moça encantada,
Nem ninho de fada, nem chêro de rosa.

Em vez de perfume e do luxo da praça,
Tem chêro sem graça de amargo suó,
Suó de cabôco que vem do roçado,
Com fome, cansado e queimado do só. (ASSARÉ, 1967, p. 15).

Esse era o propósito da poesia de Patativa, chamar a atenção do leitor da cidade grande para a real condição do camponês e ao mesmo tempo conscientizá-lo sobre seus direitos. Galeno e Patativa trataram igualmente da cultura e da vida do sertanejo, mas o que pretendemos demonstrar com esse trabalho comparado é que ambos, pelo menos em boa parte de seus poemas, se orientaram por pedagogias distintas: Galeno, apesar da crítica social que caracteriza boa parte de seus poemas, segue a doutrina romântica na recolha das lendas e canções cearenses, tomando-as como motivos a serem integrados à literatura nacional, sem se demorar na descrição da real condição do agricultor ou do jangadeiro cearense.

A pedagogia de Patativa é mais realista, e busca denunciar a caótica situação do camponês, conscientizá-lo de seus direitos e chamar a atenção dos regentes do país para o problema, como relata neste depoimento a Rosemberg Cariry em 1979, em que menciona a

necessidade de se fazer a Reforma Agrária com vistas a corrigir as injustiças sofridas pelos homens que, durante as secas, trabalham nas frentes de serviço como agregados nas terras alheias:

Os camponeses que possuem terra não sofrem estas consequências e não precisam recorrer ao trabalho de emergência, como os agregados e esses outros desgraçados trabalham na terra dos patrões. [...] É por isso que é preciso que haja um meio da reforma agrária chegar, uma reforma agrária que chegue para o povo que não tem terra. (ASSARÉ, 2012, p. 17-18).

Mais de uma vez Patativa buscou colocar em xeque a crença de o sofrimento do pobre era proveniente de sua culpa e de seus pecados diante de Deus, numa espécie de pedagogia da conscientização do sertanejo, tendo-o feito, por exemplo, no poema Nordeste sim, nordestinado não:

Nunca diga nordestino
Que Deus lhe deu um destino
Causador do padecer
Nunca diga que é o pecado
Que lhe deixa fracassado
Sem condições de viver.

Não guarde no pensamento
Que estamos no sofrimento
É pagando o que devemos
A Providência Divina
Não nos deu a triste sina
De sofrer o que sofremos.

Deus o autor da criação
Nos dotou com a razão
Bem livres de preconceitos
Mas os ingratos da terra
Com opressão e com guerra
Negam os nossos direitos

Não é Deus quem nos castiga
Nem é a seca que obriga
Sofrermos dura sentença
Não somos nordestinados
Nós somos injustiçados
Tratados com indiferença. (ASSARÉ, 2012, p. 38).

Ao fim e ao cabo, a crítica certamente a ser feita no final desta comunicação será esta: 91 anos separam o livro *Lendas e canções populares*, de Galeno, da publicação de *Inspiração nordestina*, de Patativa. O projeto de integrar o homem comum e suas crenças e valores à ideia de nação, constante do programa dos românticos, parecia não ter efetivamente se

realizado quando Patativa começou a empunhar sua viola, pelo contrário, é justamente esse sentimento de não pertencer a uma nação que serve de inspiração aos acordes patativanos, algo que pudemos perceber, mesmo que brevemente, nestas poucas linhas apresentadas.

Referências

AGUIAR, Antônio Sérgio Pontes. Juvenal Galeno: romântico e folclorista. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História** – ANPUH, São Paulo, p. 1-14, julho 2011.

AGUIAR, Rafael Holfmeister de; CONTE, Daniel. Entre o sertão real e o imaginário: a representação do sertão em Patativa do Assaré. **Revista Literatura em Debate**, v.6, n.10, p.107-125, ago. 2012.

ASSARÉ, Patativa do. **Inspiração nordestina**. Cantos de Patativa. 2.ed. ampliada. Rio de Janeiro: Borsoi Editor, 1967.

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá**: filosofia de um trovador nordestino. 3.ed. Petrópolis: Vozes; Crato: Fundação Pe. Ibiapina/Instituto Cultural do Cariri, 1980.

ASSARÉ, Patativa do. **Cordéis**. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

ASSARÉ, Patativa do. **Patativa do Assaré**: seleção. Seleção Cláudio Portella. São Paulo: Global, 2006 (Coleção Melhores Poemas).

ASSARÉ, Patativa do. **Ispinho e fulô**. São Paulo: Hedra, 2012.

AZEVEDO, Sânzio de. Juvenal Galeno e a poesia do povo. Discurso proferido no dia 10/03/1981 em comemoração ao 50º. Aniversário de falecimento de Juvenal Galeno, p. 181-203. Disponível em: <https://cutt.ly/tyb1TJ6>. Acesso em 20/09/2021.

BARROS, Leandro Gomes de. **Um Pau com Formigas/Conclusão de Riachão com Turbana**. Recife: s. n., 1912.

CARIRY, Rosemberg; BARROSO, Oswald. Patativa do Assaré: Sua poesia – Sua vida (entrevista). In: _____. **Cultura insubmissa**: estudos e reportagens. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1982, p. 32-58.

CARVALHAL, Tânia. Encontros na travessia. **Literatura e Sociedade**. FFLCH/USP, Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, n.9. 2006, p.70-81, 2006.

GALENO, Juvenal. **Lendas e canções populares – 1859-1865**. 5.ed. Fortaleza: Secult, [1865] 2010a.

GALENO, Juvenal. **Prelúdios poéticos**. 2.ed. Org. Raymundo Netto e Apresentação de Sânzio de Azevedo. Fortaleza: Comercial, [1856] 2010b (Coleção Nossa Cultura, Série Memória).

GALENO, Juvenal. **Folhetins de Silvanus**. 3.ed. Fortaleza: Secult, [1891] 2010c.

GUILLEN, Isabel C. M. O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo A. (Org.). **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.105-123.

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. Um pau com formigas ou o mundo às avessas: a sátira na poesia popular de Leandro Gomes de Barros no contexto da Primeira República. São Paulo: Edusp; FAPESP, 2014.

MARQUES, Francisco C. Alves; RODRIGUES, Isabel. C. S. de Oliveira. **Da praça ao palanque: denúncia e crítica social na poesia popular de Leandro Gomes de Barros e Patativa do Assaré**. São Paulo: Humanitas, 2021.